



***CURSO DIVERSIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMO ABORDAR  
EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NA ESCOLA?***

***CURSO DE DIVERSIDAD, GÉNERO Y SEXUALIDAD: ¿CÓMO  
ABORDAR LA EDUCACIÓN EN SEXUALIDAD EN LA ESCUELA?***

***DIVERSITY, GENDER AND SEXUALITY COURSE: HOW TO  
APPROACH SEXUALITY EDUCATION AT SCHOOL?***

*Antônio Rodrigues Neto<sup>1</sup>*

*Daniela Oliveira R. dos Passos<sup>2</sup>*

*Juliana Cristina Martins de Souza<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Este artigo é fruto das discussões ocorridas no âmbito do Curso *Diversidade, gênero e sexualidade*, ofertado em parceria com a Rede Mineira de Pesquisa em Educação, Saúde e Tecnologias. A abordagem teórica-conceitual de Educação em Sexualidade utilizada como base para o Curso foi a proposta pela UNESCO, que compreende a sexualidade de forma abrangente, possibilitando discussões mais amplas tais como: gênero e suas intersecções com outros marcadores sociais hierarquizantes como trabalho e classe; relações étnico-raciais; relações entre educação, práxis pedagógicas e sexualidade humana e as representações dos feminismos na contemporaneidade, dentre outras, apresentadas na primeira parte deste texto. Em seguida, apresentamos a estrutura curricular do Curso e os relatos de experiências das/os professoras/es cursistas, retirados do Memorial utilizado como atividade final do curso. As reflexões feitas pelas/os cursistas nos permitiram perceber que educar para a diversidade ainda é um desafio que deve ser superado com a formação permanente de professoras/es.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola. Diversidade. Gênero. Educação em Sexualidade.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Direitos Humanos pela Universidade de São Paulo. Professor no Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG /Ituiutaba.

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - FaE / CBH / UEMG e Professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* - Educação e Formação Humana - da FaE-UEMG.

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais.

## RESUMEN

Este artículo es resultado de las discusiones que tuvieron lugar con el Curso “*Diversidad, género y 1288esafio1288ade*”, 1288esafio1288a com colaboración com la Red Mineira de Investigación com Educación, Salud y Tecnologías. El enfoque teórico-conceptual de Educación com Sexualidad utilizado como base para el Curso fue el propuesto por la UNESCO, que 1288esafio la 1288esafio1288ade de manera integral, provocando discusiones más amplias como: el género y sus intersecciones com otros marcadores sociales jerárquicos como el trabajo y la 1288esafi. ; relaciones étnico-raciales; las relaciones entre educación, 1288esafi pedagógica y 1288esafio1288ade humana y las representaciones del feminismo com la época 1288esafio1288ade1288a, entre otras, que se presentan com la primera parte de este texto. Com la segunda parte del texto presentamos la 1288esafio1288a curricular del Curso y los relatos de experiencia de los docentes que participaron com el curso, tomados del Memorial presentado como actividad final. Las reflexiones realizadas por los participantes del curso nos permitieron darnos cuenta de que educar para la 1288esafio1288ade sigue siendo com 1288esafio que debe superarse com la formación permanente de los docentes.

**PALABRAS CLAVE:** Escuela. Diversidad. Género. Educación en sexualidad.

## ABSTRACT

This article is the result of discussions that took place in the Course “*Diversity, gender and sexuality*”, offered in partnership with the Rede Mineira de Pesquisa em Educação, Saúde e Tecnologias. The theoretical-conceptual approach to Sexuality Education used as a basis for the Course was the one proposed by UNESCO, which understands sexuality in a comprehensive way, provoking broader discussions such as: gender and its intersections with other hierarchical social markers such as work and class; ethnic-racial relations; relationships between education, pedagogical praxis and human sexuality and the representations of feminism in contemporary times, among others, whichh are presented in the first part of this text. In the second part of the text, we present the curricular structure of the Course and the experience reports of the teachers who participated in the course, taken from the Memorial presented as the final activity. The reflections made by the course participants allowed us to realize that educating for diversity is still a challenge that must be overcome with the permanent training of teachers.

**KEYWORDS:** School. Diversity. Gender. Sexuality Education.

\*\*\*

## Considerações iniciais

Pensar a diversidade e as nossas relações com os corpos compreende pensarmos a relação mais íntima com nossa história, emoções, costumes e desejos. Diz também da forma como nos expressamos, nos comunicamos, distribuimos e recebemos afetos. A diversidade, assim como gênero<sup>4</sup> e as múltiplas sexualidades, se refere, acima de tudo,

---

<sup>4</sup> De acordo com Joan Scott (2005), gênero é um conceito que se refere à construção social do sexo anatómico. Pode ser compreendido, ainda, como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas

sobre o sistema de normas de uma dada sociedade, crenças, valores e emoções de um tempo histórico-social específico.

Dito isso, trabalhar esses assuntos em sala de aula é fundamental e necessário, pois mesmo que as redes sociais e o universo digital também digam e circulem conteúdos sobre essas temáticas, a escola continua sendo um lugar de privilégio e acesso ao mundo do conhecimento. É também na escola que ainda produzimos e reproduzimos muito do nosso pré-conceito, além de ser um espaço, por excelência, onde temos um número significativo de pessoas diversas habitando o mesmo lugar. Então, mais que justo, lidar com temáticas sobre gênero, sexualidades, saúde sexual, saúde reprodutiva, entre outros assuntos da diversidade humana.

A fim de levar conhecimento a um público cada vez mais amplo sobre assuntos diversos, em agosto de 2021, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais – PROEx/UEMG tornou público o Edital para seleção de bolsistas para atuarem na elaboração e implementação de cursos ofertados em parceria com a Rede Mineira de Pesquisa em Educação, Saúde e Tecnologias, conforme facultado pela Lei Estadual no 22.929 de 12 de janeiro de 2018, Decreto Estadual no 47.442 de 4 de julho de 2018 e Decreto Estadual no 47.512 de 15 de outubro de 2018, assim como a Emenda Parlamentar, de no 68.666 de 2021.

Mas quais são os objetivos da Rede Mineira de Pesquisa em Educação, Saúde e Tecnologias? A Rede teve por objetivo:

[...] promover inovações nas escolas públicas mineiras, por meio do desenvolvimento de ações que visam à renovação de políticas públicas e de práticas educativas, atentas ao tema da pandemia, com seus efeitos sobre a saúde e a educação, transversalizadas pelas tecnologias” (GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS).

E neste edital, a proposta foi a de selecionar 08 (oito) tutores bolsistas para auxiliar os/as docentes, também bolsistas, na oferta dos seguintes cursos; a) Trabalho docente, educação e saúde; b) Educação indígena; c) Diversidade, gênero e sexualidade;

---

sobre as diferenças percebidas entre os sexos (e como) um primeiro modo de dar significado às relações de poder. Gênero é um termo importante para pensarmos o modo como se estruturam as relações sociais, pois estas envolvem rituais bastante definidos de aprendizagens e sociabilidades e, principalmente, uma domesticação dos corpos em função daquilo que é considerado masculino ou feminino, num determinado contexto cultural, a cada época e em cada espaço geográfico.

d) Diversidade, inclusão e tecnologias assistivas; e) Movimentos sociais, pedagogia freiriana e ensino remoto.

O curso que atuamos foi o de *Diversidade, gênero e sexualidade*, onde buscamos discutir as tensões e implicações entre as relações de gênero e educação. Compuseram a equipe Antônio Rodrigues Neto, Daniela Oliveira Ramos dos Passos, Julia Gomes Mourão, Juliana Cristina Martins de Souza e Rosilene Rangel Vieira Ricardo. Nas aulas, explicitamos as opções teórico-conceituais e históricas de gênero e suas intersecções com outros marcadores sociais hierarquizantes como trabalho e classe; relações étnico-raciais; relações entre educação, práxis pedagógica e sexualidade humana e as representações dos feminismos na contemporaneidade.

No referido curso buscamos entender a escola, sob o prisma de buscar construir ações de igualdade, quebrando tabus, credices, combatendo as desigualdades, sejam elas de gênero, classe, raça/etnia, entre outros marcadores sociais que implicam em diferenças e desigualdades. Nisso, a educação em sexualidade como proposta pedagógica cresce em simbologia e importância, pois se refere a um modo específico de educar em direitos humanos e para as relações humanas.

Nesse sentido, nomeamos educação em sexualidade a proposta de abordagem abrangente da sexualidade que extrapola as informações científicas sobre sexo e reprodução. Trata-se de um conjunto de práticas, evidências e documentos legais promovidos em maior parte internacionalmente, com ampla participação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), voltados a estruturar o modelo de ensino/aprendizagem sobre os aspectos cognitivo, emocional, físico e social da sexualidade, ou seja, a educação integral em sexualidade (EIS)<sup>5</sup>. Tal proposta considera critérios etários e níveis de compreensão para formação curricularizada em conhecimentos, habilidades e atitudes para uma vida saudável desde a infância, com enfoque em um viés positivo da sexualidade (UNESCO, 2019).

Por outro lado, na agenda pública nacional, o tema da educação em sexualidade perde espaço para as *Fake News*<sup>6</sup> que atacam a proposta com alardes a uma suposta usurpação da inocência das crianças e ameaça a valores tradicionais, orquestrada por uma “ideologia de gênero” que, na verdade, nunca existiu e é afastada pelas evidências da

---

<sup>5</sup> *Comprehensive Sexuality Education* (CSE), em inglês. (UNESCO, 2019).

<sup>6</sup> *Fake News* são notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo.

UNESCO que reafirmam o potencial da educação em sexualidade para a redução da idade de início e frequência das práticas sexuais, bem como para escolhas mais saudáveis, consentidas e conscientes ao longo da vida. (UNESCO, 2014).

Nosso curso iniciou no dia 04/10/2021 encerrando suas atividades no dia 06/12/2021. Ele foi oferecido no formato online, via plataforma *Microsoft Teams*. Teve duração de 60 horas, divididas em quatro módulos, sendo eles: I – Contextualização, evidências e legislação; II – Conceitos; III - Educação Integral em Sexualidade (UNESCO); IV - Relatos de experiência.

Das aulas surgiu esse texto, que segue dividido em três partes: a primeira traz informações sobre o modelo de educação em sexualidade utilizado como referência de criação da proposta do curso; a segunda visa apresentar a estrutura curricular do curso *Diversidade, gênero e sexualidade*. Na segunda parte, trouxemos para debater conosco os relatos de experiências das/os professoras/es cursistas. Ao final, tecemos algumas considerações.

### **Redefinindo os contornos da educação em sexualidade na escola**

Com base na proposta de EIS da UNESCO, estivemos motivados a aproveitar a oportunidade possibilitada pela Rede Mineira de Pesquisa em Educação, Saúde e Tecnologias para estruturar proposta de formação para profissionais da educação sobre sexualidade. A escolha pelo modelo da UNESCO como referência justifica-se pelas experiências acumuladas e registradas em diferentes publicações de acesso livre, muitas delas em português, o que viria a suprir a ausência de materiais técnicos brasileiros oficiais publicados sobre o tema. Além disso, dentre os objetivos da EIS está a promoção da emancipação cidadã e sexual de todas as pessoas, o que concorda com os valores democráticos brasileiros de promoção da equidade<sup>7</sup> de gênero, antidiscriminação e cultura de paz nas escolas. Nesse sentido, a EIS:

tem por objetivo transmitir conhecimentos, habilidades, atitudes e valores a crianças, adolescentes e jovens de forma a fornecer-lhes autonomia para: garantir a própria saúde, bem-estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais de respeito; considerar como suas escolhas afetam o bem-estar próprio e o de outras pessoas;

---

<sup>7</sup> A equidade é um princípio em que reconhece que não somos todos/as/es iguais e que é preciso ajustar esse “desequilíbrio”, ou seja, é garantir que as pessoas desfrutem das mesmas oportunidades, levando em conta as diferenças individuais. Equidade significa, então, dar às pessoas o que elas precisam para que todos/as/es tenham acesso às mesmas oportunidades.

entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo de toda a vida.  
(UNESCO, 2010, p 15)

As características da EIS, segundo a UNESCO, devem acontecer tanto em espaços formais, como a escola, como também em espaços não-formais de formação<sup>8</sup>, como na convivência com pessoas de convívio íntimo e participação em projetos sociais, cursos, ONGS e coletivos, por exemplo. Ainda, a EIS propõe-se cientificamente fundamentada, afastando-se de informações desqualificadas ou atécnicas na abordagem das questões envolvendo sexualidade, a fim de desmistificar, informar e possibilitar a reflexão sobre convicções e comportamentos. Além disso, a proposta evolui de forma gradativa ao longo do tempo de escolarização, organizada de forma apropriada à idade e ao estágio de desenvolvimento individual (UNESCO, 2010).

A UNESCO defende a curricularização da educação em sexualidade como estratégia para sua efetivação em caráter integral, bem como que se trata de uma política educacional baseada em direitos humanos, igualdade de gênero, que deve ser culturalmente relevante e adequada ao contexto, para que seja capaz de desenvolver habilidades para a vida que serão necessárias para apoiar escolhas saudáveis. (UNESCO, 2010)

O entendimento da sexualidade adotado pela EIS extrapola os aspectos biológicos para alcançar os significados individuais e sociais dos relacionamentos interpessoais e sexuais. Há grande enfoque da proposta no que se refere à influência dos valores e normas culturais nas práticas que moldam a sexualidade individual, bem como nas formas como a sexualidade é afetada pelas relações de poder, que colocam em disputa práticas e discursos de normalidade/patologização e até mesmo a autonomia para controle do próprio corpo. Da mesma forma, a proposta reconhece a sexualidade como uma construção social de um determinado contexto, de forma que qualquer abordagem necessita considerar como as práticas e comportamentos diferem entre as culturas e se dão de forma distinta nas relações interpessoais. (UNESCO, 2010)

Por fim, a EIS considera que, nos contextos em que se fala sobre sexualidade, comumente a abordagem está centrada especialmente em informações sobre reprodução, riscos e doenças, o que não inspira aspectos positivos da sexualidade. Assim, o modelo de educação em sexualidade escolhido como referência ao curso vai além da educação

---

<sup>8</sup> “(...) todo tipo de aprendizagem que pode ocorrer fora da escola, especialmente em museus, centros de ciências, organizações comunitárias e nas mídias impressa e eletrônica (incluindo a Internet). Na “aprendizagem por livre escolha”, o interesse e a intenção do aprendizado tem origem no indivíduo, logo não é imposta por elementos externos, como ocorre na escola (MARANDINO 2017 p. 813)”

sexual, mas sem excluí-la. Além do acesso a informações sobre prevenção de gravidez, das ISTs e do HIV, a proposta propõe preparar os estudantes com abordagem centrada nas experiências, curiosidades, dúvidas e amadurecimentos que eles vivem e compartilham (UNESCO, 2010).

Assim, entendemos que a educação em sexualidade capaz de emancipar é um convite a falar abertamente sobre sexualidade, sem desconsiderar nenhum dos aspectos que influenciam como cada um a vivencia, especialmente quando falamos de sistemas de opressão e os marcadores que os organizam, a exemplo de gênero, raça, classe e deficiência, ente outros.

### **Construindo uma abordagem abrangente da sexualidade para a formação dos cursistas**

Com o objetivo de apresentar e capacitar os cursistas para a abordagem da educação em sexualidade nas escolas estruturamos o curso a partir de momentos de formação, interações nos fóruns virtuais<sup>9</sup> e de compartilhamento de relatos sobre as vivências pessoais de cada participante durante os encontros síncronos<sup>10</sup>, focando no sentido como alguém que instrumentaliza o processo do aprendizado ou já passou por ele. Nos desafios da prática docente ou nas histórias individuais, a sexualidade aparecia como tema nas disputas que eram narradas.

O primeiro módulo do curso nomeado “Contextualização, evidências e legislação” buscou discutir sobre alguns conhecimentos importantes que sustentam a implementação da educação em sexualidade em sala de aula, conforme propõe a UNESCO.

*Nomear para conhecer* foi o primeiro encontro, no qual a proposta era promover um papo sobre *O que é discriminação?* com base na obra de Adilson José Moreira (2017). Esse momento oportunizou aos/às cursista conhecer conceitos e sentidos jurídicos do que é discriminação e suas variáveis, com base no princípio da igualdade e da discriminação dos grupos minoritários.

Dentre os vários sentidos de discriminação postos por Moreira (2017), discutimos sobre o entendimento que o autor tem sobre discriminação direta. Para ele, esse tipo de

---

<sup>9</sup> O Fórum é uma atividade do *Moodle* que permite uma comunicação assíncrona - acontece sem a necessidade de uma interação em tempo real entre os participantes - de uma comunidade virtual.

<sup>10</sup> As aulas síncronas ou encontros síncronos são aqueles que acontecem em tempo real. Na educação à distância, isso significa que o professor e o aluno interagem, ao mesmo tempo, em um espaço virtual. A exemplo dos formatos de aula online que incluem salas de videoconferência e transmissões ao vivo.

discriminação existe quando há um tratamento desvantajoso baseado em certos critérios. Essa forma de discriminação tem caráter comparativo, ou seja, “a identificação da discriminação direta exige que a demonstração de que uma pessoa não seria tratada de forma desvantajosa se fosse membro de um grupo semelhante” (MOREIRA, 2017). Ainda, segundo o autor, esse tipo de discriminação não encontra justificativa jurídica ou moral para o tratamento diferenciado ou desvantajoso sofrido pelas pessoas que são alvo desse tipo de discriminação. O conceito apresentado possibilitou aos/as cursistas levantarem várias situações ocorridas na escola, que exemplificam esse tipo de discriminação.

O segundo encontro do módulo: *Como chegamos até aqui?* foi voltado à apresentação das leis (Parâmetros Curriculares Nacionais, PNE, BNCC), discursos (Ideologia de gênero, Escola sem Partido, *Fake News*) e evidências (UNESCO; 2019, 2021) que circundam os debates sobre educação em sexualidade no Brasil.

A apresentação das legislações que orientam o currículo escolar trouxe elementos que justificam o trabalho de educação em sexualidade baseado no currículo, conforme propõe a UNESCO. Diferentemente do que acontece em alguns países, no Brasil, não tem uma lei que regulamenta o trabalho com a educação em sexualidade. Mas existem normativas educacionais que podem amparar a sua abordagem em sala de aula. O resgate das discussões feitas na construção do Plano Nacional de Educação (PNE) (2014-2024) levantou o retrocesso que houve na política educacional, no que diz respeito às discussões sobre gênero e diversidade sexual.

Se antes, nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual (1997), essas discussões eram previstas, no PNE a abordagem foi excluída, de forma que todas as palavras “gênero” e “orientação sexual” fossem retiradas do texto antes da sua publicação. E, na mesma direção, o documento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), infelizmente, também suprimiu os termos citados.

Por fim, os encontros do módulo 1 foram concluídos com o fórum de discussão do filme *Milk: a voz da liberdade*<sup>11</sup>. A partir da apresentação da história do ativista e

---

<sup>11</sup> SINOPSE: “Início dos anos 1970. Harvey Milk (Sean Penn) é um nova-iorquino que, para mudar de vida, decidiu morar com seu namorado Scott (James Franco) em San Francisco, onde abriram uma pequena loja de revelação fotográfica. Disposto a enfrentar a violência e o preconceito da época, Milk busca direitos iguais e oportunidades para todos, sem discriminação sexual. Com a colaboração de amigos e voluntários (não necessariamente homossexuais), Milk entra numa intensa batalha política e consegue ser eleito para o Quadro de Supervisor da cidade de San Francisco em 1977, tornando-se o primeiro gay assumido a alcançar um cargo público de importância nos Estados Unidos” Acesso: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-130781/> Cartaz – Anexo.

político norte-americano, os cursistas foram inseridos no debate da sexualidade como um espaço de disputa nas agendas políticas, bem como as violências que marcam esses processos de resistência.

Reconhecendo a importância das discussões ocorridas no módulo 1, podemos citar o que escreveu a cursista 2<sup>12</sup> no Fórum I, que encerra o módulo:

*É preciso estar armado do conhecimento sobre as leis para que a ausência de argumentação legal não seja um empecilho, seja em nossas próprias causas ou seja nas causas alheias e que queremos defender. Os documentos como os PCNs, a BNCC, o documento lançado pela Unesco são norteadores para as nossas práticas e devem ser usados para dar suporte em caso de negativas aos projetos referentes à sexualidade ou mesmo outros, como questões feministas, referentes à temática da religiosidade e cultura africanas, etc. (Cursista 2).*

Já no módulo 2 “Conceitos”, os/as cursistas tiveram a oportunidade de discutir sobre biologização e patologização da sexualidade, sexo biológico, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero; além das identidades lésbica, gay, hsh, bissexual, assexual, pansexual, transgênero, travesti, transexual, homens trans, mulheres trans e transgêneros heterossexuais. Para definição dos conceitos, os cursistas contaram com o Glossário contido no Guia para implementação da EIS da UNESCO (2010). Abordar esses conceitos foi importante pois, muitas vezes, o “senso comum” condiciona o nosso olhar para duas direções: se a pessoa nasceu com a genitália feminina, automaticamente será do gênero feminino e, se nasceu com a genitália masculina, será do gênero masculino. Esse entendimento vem organizando os modos de pensar os lugares dos sujeitos, produzindo e reproduzindo a ideia de que o gênero, e todas as outras características do indivíduo, decorrem da sua natureza biológica, tratando o indivíduo como um ser meramente biológico, desconsiderando as suas diversas facetas e seu contexto sociocultural de vivências.

Primeiramente fez-se necessário colocar o conceito de sexo que, para a UNESCO (2019), se define pelas “características biológicas e fisiológicas (genéticas, endócrinas e anatômicas) utilizadas para categorizar as pessoas como sendo integrantes da população masculina ou feminina” (p.120). Ainda, menos frequente, o intersexual, que podem ter características de ambos os sexos, iguais ou discrepantes.

A partir da definição do que é biológico, discutimos outras características (afetivas, sociais, culturais e históricas) dos indivíduos que se fazem com e a partir desse marcador. A discussão realizada teve o objetivo de tentar conhecer as várias identidades

---

<sup>12</sup> Os nomes dos/as cursistas são fictícios, a fim de manter seu sigilo. Nomearemos como Cursista 1, 2 e 3.

que podem constituir o indivíduo, sem ter a pretensão de colocá-las em uma “caixa”, pois como bem lembra Guacira Lopes Louro (1997), os indivíduos podem ter “identidade que se transformam, que não são fixas ou permanentes, até mesmo, ser contraditórias” (p.24).

Para auxiliar na compreensão dos conceitos abordados durante o curso, elaboramos um quadro, a partir das orientações técnicas internacionais em educação e sexualidade da UNESCO:

**Quadro 1** – Conceitos a partir das Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências (UNESCO, 2019).

Assexual	Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero (JESUS, 2012, p.26).
Bissexual	Uma pessoa que tem atração física, emocional e/ou sexual por pessoas de mais de um gênero (UNESCO, 2019, p.119).
Expressão de gênero	A maneira pela qual uma pessoa expressa o próprio gênero diante do mundo, por exemplo, pelo nome, pela vestimenta, pela maneira como anda, fala, se comunica, pelos papéis que exerce na sociedade e pelo comportamento de modo geral (UNESCO, 2019, p.119).
Gay	Uma pessoa que é principalmente atraída e/ou tem relacionamentos com alguém do mesmo gênero. Geralmente, esse termo é utilizado para se referir a homens, mas também pode se referir a mulheres (UNESCO, 2019, p.119).
Gênero	Refere-se aos atributos e às oportunidades sociais associados ao fato de ser masculino ou feminino e aos relacionamentos entre mulheres e homens e entre meninas e meninos, bem como aos relacionamentos entre mulheres e aos relacionamentos entre homens. Tais atributos, oportunidades e relacionamentos são construídos socialmente e são aprendidos por meio de processos de socialização (UNESCO, 2019, p.119).
Gênero fluido ou queer	Pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo queer, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero.
Homossexual	Pessoa que tem atração física, emocional e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo (UNESCO, 2019, p.120).

Hsh	Homens que fazem sexo com homens, independente da orientação sexual.
Identidade de gênero	Refere-se à experiência interna e individual profunda do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (UNESCO, 2019, p.119). Ou seja, é como a pessoa se identifica, independente do seu sexo biológico, podendo ser masculino, feminino, trans, dentre outras identidades.
Lésbica	Uma mulher que sente atração física, emocional e/ou sexual, e a capacidade de se relacionar intimamente, principalmente com outras mulheres (UNESCO, 2019, p.120).
Orientação sexual	A capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva e sexual por indivíduos de gênero diferente (heterossexual), do mesmo gênero (homossexual) ou de mais de um gênero (bissexual ou pansexual), e ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas (UNESCO, 2019, p.120).
Pansexual	Uma pessoa que tem atração física, emocional e/ou sexual por todos os tipos de gêneros (UNESCO, 2019, p.120)
Transexual	Às vezes o termo transexual é utilizado para descrever pessoas transgênero que se submeteram, ou querem se submeter, a procedimentos médicos (que podem incluir tratamento cirúrgico e hormonal) para que o corpo tenha mais congruência com a identidade de gênero (UNESCO, 2019, p.120).
Transgênero	Uma pessoa cujo senso interno de gênero (identidade de gênero) difere de seu sexo atribuído ao nascer. As pessoas transgênero podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais. As pessoas transgênero podem se identificar como masculinas, femininas, gênero alternativo, uma combinação de gêneros ou nenhum gênero (UNESCO, 2019, p.120)
Travesti	São as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero (JESUS,2012, p.17).

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Além das nomenclaturas, a formação específica nos conceitos pertinentes à diversidade, gênero e sexualidade, contou com a discussão dos textos *Gênero: a história de um conceito*, de Adriana Piscitelli (2009); e *Fúria e poder sobre rodas: questões de gênero e educação na série Irmão do Jorel* (2021), artigo de autoria da Daniela Passos, Alexandre Marini e Isabelle Patrocínio<sup>13</sup>.

Ainda no módulo 2 - “Conceitos”, foram apresentadas as correntes dos diversos feminismos que compõe a proposta do “ser mulher” (feminismo branco, feminismo negro, feminismo chicano, feminismo decolonial), o pensamento decolonial e a Interseccionalidade<sup>14</sup>, baseando-se nas obras: *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis (2016); *A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero*, de Kimberlé Crenshaw (2012) e *Colonialidade e Gênero*, de Maria Lugones (2020). O encerramento do módulo 2 deu-se com a realização do fórum para discussão do episódio 25 da série de animação *Irmão do Jorel*<sup>15</sup> que se embasou a em um dos textos discutido no curso. Além da animação, aos cursistas foram indicados outros materiais audiovisuais que discutem as temáticas da sexualidade em relação a outros marcadores que também são relevantes para a compreensão dos conceitos sobre gênero, raça, capacitismos e classe.

O módulo 3- “Educação integral em sexualidade (UNESCO)” foi dedicado a apresentação do modelo de curricularização da educação em sexualidade conforme proposto pela UNESCO. As aulas foram preparadas com base no material *Orientações Técnicas Internacionais de Educação em Sexualidade: uma abordagem baseada em evidências* (UNESCO, 2019). Durante o módulo, os/as cursistas conheceram os argumentos com base em saúde e bem-estar, evidências científicas que embasam a proposta, além das matrizes curriculares sugeridas a partir de conceitos-chave, tópicos e objetivos de aprendizagem. O módulo 3 foi encerrado com fórum para discussão de dois

---

<sup>13</sup> Acesso: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/15293>

<sup>14</sup> Nos estudos feministas a Interseccionalidade é uma ferramenta muito utilizada para o reconhecimento do entrelaçamento de marcadores como a raça, classe, orientação sexual, dentre outros mais, que em conjunto provocam disparidades.

<sup>15</sup> ANIMAÇÃO: Um garoto tímido e sem nome é sempre chamado de irmão do Jorel. Sendo quase sempre ofuscado pela fama e popularidade de seu irmão mais velho, ele tenta ganhar sua própria identidade e ser alguém importante na família. Cartaz – Anexo.

filmes *Nunca, raramente, às vezes, sempre*<sup>16</sup> e *The Normal Heart*<sup>17</sup>, que tratam de dois temas de interesse à educação em sexualidade: o aborto seguro e o surgimento da epidemia do HIV/Aids e seus reflexos em relação à população LGBTQIAP+, respectivamente.

O módulo 4 - “Relatos de experiência” (focalizando no próximo subtítulo) encerrou o curso com o compartilhamento de experiências sobre práticas, frustrações, anseios e planos a realizar sobre a implementação da educação em sexualidade nas escolas. Na ocasião, cada cursista pode contribuir com impressões sobre viabilidade e desafios à proposta. O encontro para troca de experiências foi acompanhado da sugestão de leitura do livro *Ensinando a transgredir*, de bell hooks (2017). No fórum de discussão, o filme sugerido foi *Que horas ela volta?*<sup>18</sup> que trata do poder transformador da educação em relação ao desenvolvimento da autonomia, percepção de si e do mundo.

Para a seleção dos memoriais dos/das cursistas foi priorizada a abordagem abrangente da sexualidade, a fim de apresentar os aspectos político, cultural e social das dinâmicas que envolvem sexualidade e ocupam diferentes espaços, dentre eles a escola. Na tentativa de consolidar uma abordagem integral como sugere o modelo da UNESCO, percebemos que nos tópicos do curso foi preciso distribuir a mesma importância e atenção, de forma que nenhuma dúvida fosse silenciada ou determinado assunto ser tratado como tabu. Estudantes buscam na escola acesso à informação de qualidade, cientificamente estruturada, e a falta de acesso a informações adequadas representa riscos

---

<sup>16</sup> SINOPSE - Em *Never Rarely Sometimes Always*, as melhores amigas e primas inseparáveis Autumn (Sidney Flanigan) e Skylar (Talia Ryder) navegam precariamente na vulnerabilidade da adolescência feminina na Pensilvânia rural. Quando Autumn inesperadamente engravida, ela é confrontada com uma legislação conservadora de colarinho azul, sem piedade de mulheres, que impõe um aborto. Com o apoio infalível da Skylar e recursos ousados, o dinheiro para financiar o procedimento é garantido e a dupla embarca em um ônibus com destino ao estado de Nova York para encontrar a ajuda que o Autumn precisa. Acesso: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-273487/> - Cartaz – Anexo.

<sup>17</sup> SINOPSE - 1981. Uma doença misteriosa se alastra pelos Estados Unidos, com alto grau de mortalidade: cerca de 50% dos infectados acabam falecendo. Como a imensa maioria é homossexual, ela logo é apelidada de "câncer gay" e, por preconceito, não recebe a devida atenção do governo norte-americano. Decidido a fazer com que as pessoas tomem conhecimento sobre a epidemia causada pela AIDS, o escritor Ned Weeks (Mark Ruffalo) decide ir aos diversos veículos de comunicação para falar sobre o tema. Entretanto, a raiva contida em suas declarações assustam até mesmo seus colegas na organização não-governamental que presta auxílio aos infectados. Ao seu lado, Ned conta apenas com o apoio da médica Emma Brokner (Julia Roberts), que também está alarmada com a gravidade da situação. Acesso: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-184653/> Cartaz – Anexo.

<sup>18</sup> SINOPSE - A pernambucana Val (Regina Casé) se mudou para São Paulo a fim de dar melhores condições de vida para sua filha Jéssica. Com muito receio, ela deixou a menina no interior de Pernambuco para ser babá de Fabinho, morando integralmente na casa de seus patrões. Treze anos depois, quando o menino (Michel Joelsas) vai prestar vestibular, Jéssica (Camila Márdila) lhe telefona, pedindo ajuda para ir à São Paulo, no intuito de prestar a mesma prova. Os chefes de Val recebem a menina de braços abertos, só que quando ela deixa de seguir certo protocolo, circulando livremente, como não deveria, a situação se complica. Acesso: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-231230/> Cartaz – Anexo.

para a saúde individual e coletiva, além da manutenção de estruturas de opressão e discriminação que, se permanecem não sendo questionadas, se perpetuam no tempo, oprimindo determinados grupos em benefício de privilégios para outros.

### **Relatos de experiências: pedagogia como forma de memória**

Memorial (...), é um documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito na primeira pessoa. (Oliveira, 2005, p.121)

A escola é um lugar no qual o conhecimento é apreendido, formalizado, construído e também desconstruído, onde buscamos facilitar a aprendizagem e o mais importante, onde estudantes vivenciam novas formas de se relacionar, de se conhecer e de até mesmo de estabelecer vínculos afetivos e emocionais. É um espaço privilegiado de convivência, nesse sentido, é também o local para conversar sobre diferenças e diversidades entre as pessoas.

A escola pública vive atualmente o desafio de receber e incluir os/as “diferentes” e também tem o compromisso de mantê-los/las nesse lugar e garantir-lhes a aprendizagem necessária, afinal tais estudantes trazem para o chão da escola seus processos formativos cotidianos. Uma tarefa fundamental da escola pública brasileira é o de realmente se constituir como um espaço que efetivamente possa fazer a diferença na vida dos/as estudantes. Para que isto aconteça à escola precisa se organizar para conhecer e entender estas diferentes realidades. Olhar para o público estudantil e ver que tanta gente diversa pode sim aprender e também ensinar, por meio de suas mais variadas vivências e dos seus mais variados processos formativos (PASSOS, 2021, p.173-174).

Segundo Guacira Lopes Louro (2008), a escola também pode delimitar espaços. Em muitos momentos, é um *locus* que se serve de símbolos e códigos, afirmando o que cada um pode (ou não pode) fazer. O espaço escolar informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de todo um simbolismo como “quadros”, “crucifixos”, “santas” ou “esculturas”, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. (...) Tal “naturalidade” [dos espaços] tão fortemente construída talvez possa impedir os/as docentes de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas.

Portanto, a escola precisa ser um lugar que, além das letras e números, também se ensine o respeito para com as diferenças, reconhecendo as diversidades, sejam elas de gênero, raça/etnia, idade, crenças, classes sociais, deficiências, entre outras. Vale ressaltar que a escola não substitui ou compete com as famílias quando o assunto é educação para as diversidades. A função da escola é preencher lacunas, fornecer informações objetivas e científicas sobre o campo das sexualidades. No espaço educacional, a troca de opiniões e conhecimentos entre estudantes e professoras/es poderá contribuir para o desenvolvimento de um pensamento crítico e criativo sobre as diversas vivências.

bell hooks no livro, *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* afirma que educar é o ato de ensinar que qualquer pessoa pode aprender, desde que o ensinamentos sejam de um jeito que respeite e proteja “as almas do nossos/as alunos/as” pois isso se torna “essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo” (hooks, 2017, p.25). O ensinar pensando em uma educação inclusiva que respeite as diversidades estabelece laços de confiança entre docentes e estudantes, onde os/as professores/as podem se mostrar disponíveis para o diálogo em responder dúvidas e questionamentos dos/as alunos/as.

Mesmo sabendo que processo de educar perpassa por uma série de atitudes e ações, e de que não existe “receita pronta” quando o assunto é educação, vale ressaltar que a conversa em sala de aula, sobre assuntos para além das letras e números, é muito importante, e pode ajudar a conduzir discussões necessárias para refletir sobre as diversas vivências que atravessam o ambiente escolar. Durante as aulas tentar mostrar que as diferenças trazem riquezas inestimáveis à sociedade, e que elas nunca podem ser vistas pelo prisma das desigualdades.

Ouvir as vozes e os pensamentos individuais uns dos outros, e às vezes relacionar essas vozes com nossa experiência pessoal, nos torna mais conscientes uns dos outros. Esse momento de participação e diálogo coletivo significa que os alunos/as e o/a professor/a respeitam - e invoco aqui o significado originário da palavra, “olham para - uns aos outros, efetuam atos de de mútuo reconhecimento e não falam somente com o/a professor/a. A partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula ajuda a estabelecer o compromisso comunitário com o aprendizado (hooks, 2017, p.247).

Nesse sentido, o de pensar as “partilhas de experiências e narrativas em sala” uma das propostas de atividade do curso foi a de que as/os cursistas produzissem um memorial

descritivo analisando e refletindo sobre a trajetória docente deles/as e a temática do curso ministrado. O texto-memorial deveria conter de 02 a 04 páginas e ser postado na plataforma *moodle*, onde aconteceu o curso. Vejamos o que uma de nossas cursistas escreveu em seu memorial:

*Me descobri na educação durante a graduação de Ciências Sociais. Até então, nunca havia me inclinado para alguma área profissional, era um caminho de total descoberta. Na trajetória do curso superior, a primeira bolsa que ganhei foi para participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em que fiquei dois anos. Logo após, fui bolsista educadora do Cursinho Popular do Diretório Acadêmico da Universidade Federal de Viçosa (CPDCE/UFV) e por fim, monitora de Sociologia (...). Três professoras atravessaram a minha vida na Universidade e foram muito importantes como suporte acadêmico e perspectiva profissional, que acreditam na Educação como vias de mudança social e pessoal. A professora Emiliana Diniz que após eu ter participado de uma oficina sobre como trabalhar Gênero e Sexualidade através de metodologias ativas na Educação Básica, ministrada pela mesma, fiquei muito interessada no tema. Um tempo depois, ela foi minha orientadora no Cursinho Popular e me mostrou o mundo das metodologias em sala de aula, principalmente como as artes cênicas podem ser uma grande aliada na produção de metodologias no cotidiano escolar. Com sua saída para o doutorado, a professora Nádia Dutra assumiu essa função de me orientar no cursinho e com todo seu cuidado, atenção e acolhimento, me incentivou a participar de eventos, ter publicações e galgar esse caminho da sala de aula. Além de ser uma acadêmica sensacional, que tenho profunda admiração, foi uma amiga que sempre esteve disponível para ouvir sobre minhas angústias profissionais, anseios e abrir meu campo de visão para possíveis possibilidades a serem traçados pós formatura. E a terceira professora foi uma da área biologia, que em um evento do PIBID contou seu relato pessoal profissional e foi a primeira vez que ouvi de alguém nesse cargo, que havia abandonado uma carreira de pesquisa sólida, um doutorado e a vaga de professora na Universidade, pois não se reconhecia nele, não estava fazendo sentido no momento. Então, ela tomou a decisão de ir para a sala de aula na educação básica pública, de vivenciar o ser professora e reestruturar sua trajetória a partir desse ponto de partida. Toda a fala dela no evento, em como conhecer e reconhecer suas necessidades, respeitar seu tempo de descoberta, não ter receio de fazer um caminho inverso dos demais pares, foi um acalanto e alívio tão grande para mim que me sentia perdida de não querer emendar em um mestrado, uma pós-graduação, pois não estava certa de que área e tema gostaria de me dedicar enquanto pesquisadora. Isso em um meio que a grande maioria de meus colegas estavam engajados na continuidade dos seus estudos e também envolta de professores que só incentivam a carreira acadêmica como objetivo final, me sentia muito perdida e desanimada (Cursista 1).*

Através desse relato percebemos que a sensibilidade e a escuta das três professoras que atravessaram a vida da *cursista 1* fizeram toda a diferença em sua trajetória

profissional. A aprendizagem de como viver e conviver democraticamente foram fundamentais para que a *cursista 1* enfrentasse seus desafios e seguisse a docência como trabalho e até mesmo perspectiva de vida. Além disso, essa educação com base na escuta fez dela também uma professora mais sensível para pensar o universo diverso dos/as seus/suas alunos/as, pois segundo ela:

*se propor a ser uma professora antirracista, que acredita em um feminismo interseccional e decolonial, e fala de diversidade sexual abertamente, inclusive me posicionando enquanto bissexual no espaço de trabalho, se faz uma via de mão dupla dentro das minhas experiências. Por parte de alunos, alunas e alunes existe uma curiosidade e abertura grande para que esses temas sejam incorporados no cotidiano da sala de aula, gerando até identificação e proximidade. Entretanto, a resistência maior vem por parte dos pares de profissão e gestão escolar em desenvolver projetos que visem a diminuição de preconceitos. Um dos meios para que isso seja superado, é a não estagnação do conhecimento e que a formação continuada é muito importante. Quem está em sala de aula deve ser uma pessoa informada, acompanhar as demandas das gerações e principalmente estar aberto para ouvir. O exercício da escuta enquanto prática pedagógica é fundamental em um espaço educacional (Cursista 1).*

Além disso, o nosso curso foi fundamental para que ela pudesse se “*munir de ferramentas metodológicas, jurídicas, educacionais e teóricas para poder implementar práticas diárias contra esses preconceitos e promover a inclusão de diversidade sexual e gênero em sala de aula (Cursista 1)*”.

Estudar questões de gênero e diversidade sexual no ensino regular é poder reconhecer, em nossa própria experiência, as pressões sociais para que nossa sexualidade e o modo como nos comportamos se realize conforme o que “naturalmente” se espera, dentro de uma sociedade pautada na heteronormatividade e no patriarcalismo. A *Cursista 2*, em seu memorial, nos relata um pouco da sua vivência no ambiente doméstico / familiar.

*Muitas vezes eu via que as posturas machistas eram replicadas pela criação que meus pais tiveram e que essas posturas estavam sendo mais uma vez sendo embutidas em nós, em doses homeopáticas. Foi então que eu compreendi que não havia, em mim, capacidade de abraçar totalmente a submissa dona de casa e a mãe zelosa, que abdica de tudo de si para dar tudo ao outro, personagem para a qual o destino me preparava. Então eu achei por bem tomar as rédeas de minha vida e fiz uma coisa que, embora pareça extremamente banal para alguns, foi um choque de realidade para a minha família: eu saí de casa para cursar a universidade. Até então, meus irmãos sempre fizeram cursos em cidades próximas, de modo que poderiam ir e voltar todos os dias, para a tranquilidade dos meus pais. Sair de casa foi uma pequena revolução*

*para mim, e eu pude aprender muito, tanto em termos de conteúdos acadêmicos, quanto no que diz respeito ao convívio com o diverso e à aceitação das diferenças, em todas as esferas (Cursista 2).*

“Sair de casa para ir para a Universidade” foi algo “revolucionário” na vida da Cursista 2. Por meio da educação ela pode conhecer mais sobre si e sobre a diversidade que a rodeava, fazendo-a ter consciência das semelhanças e interdependência entre os seres humanos. E é ela quem nos afirma isso:

*Na Universidade Federal de São João del Rei, cursei Letras, dando ênfase ao estudo de Literatura. Posteriormente eu cursei o mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura, com ênfase em identidade e memória cultural. O universo literário abriu as portas de minha consciência para questões que me rodeavam todos os dias e para as quais eu ainda não tinha sensibilidade de compreender, como a opressão sofrida pelos grupos minoritários, ainda que eu fizesse parte de um grupo oprimido- mulher, negra, pobre (Cursista 2).*

Ainda segundo a Cursista 2,

*o contato com o diverso, a percepção de mundo, com suas discrepâncias e a empatia em relação à dor do outro, que também pode ser a nossa dor, são elementos de suma importância para que possamos construir nossas trajetórias, nossos conceitos, que sustentam as nossas bandeiras.*

A partir dessas vivências que a educação lhe proporcionou, ela também se tornou uma docente que pratica a escuta, o acolhimento, o “olhar para seus/suas alunos/as” de forma mais empática, pois:

*Eu acho extremamente gratificante quando eu consigo, pelo diálogo, plantar a semente da dívida na cabeça da pessoa que já veio com uma argumentação pronta, com conceitos cristalizados, como se fossem verdades absolutas. Sobretudo em sala de aula, espaço do diverso e do aprendizado. Há poucos dias, meus alunos começaram a discutir acerca do uso do gênero neutro e eu pude perceber que a grande maioria não tinha empatia pela causa. Então, um aluno que eu considero brilhante, levantou a mão e disse não ser favorável à adoção de mudanças na linguagem porque não consegue enxergar onde está a dor do outro pelo uso da linguagem. Eu fiquei entre decepcionada e chocada, mas eu me lembrei que, quando houve um debate sobre este tema, não me recordo se neste curso ou no de teorias freireanas, eu também não tinha argumentação concreta para justificar a minha postura. E eu sou adulta. Daí pude perceber como nossas identidades estão em processo constante de construção e como o papel do professor é importante ao apontar caminhos para a construção de uma argumentação sólida, consistente. Iniciamos um debate e o resultado foi muito positivo, porque eles compreenderam que a dor que não é a nossa, também merece atenção e que há caminhos diversos para se buscar a equiparação dos sujeitos na sociedade (Cursista 2).*

Contudo, quando a pedagogia não é engajada e/ou acolhedora à escola pode se tornar algo tenso. O *cursista 3* relata sua experiência como estudante, ainda do ensino fundamental I e II, e sua tristeza com uma das disciplinas cursadas:

*(...) ocorreu uma situação muito chata na 6ª série. Minha professora de Matemática não gostava de mim, o motivo, não sei explicar, pois como tinha muita dificuldade nessa matéria, essa aula não ousava conversar e focar nas explicações dela. Porém essa professora não possuía uma boa didática, não era cativante e também não procurava estratégias para atingir os alunos que tinham dificuldades como eu, o foco era sempre os alunos que se destacavam nos números. Um belo dia, não entendi a explicação e fiz uma pergunta, mas o que ouvi não foi a explicação e um sonoro: “Você é burro menino”. A palavra burro ecoava na minha cabeça, tirando as risadas e o deboche dos colegas. Nesse dia criei um muro e não conseguia absorver nada, mas nada mesmo (Cursista 3).*

De acordo com bell hooks (2017), a sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades, e nesse espaço temos a oportunidade, enquanto docentes, de trabalhar pela liberdade, procurando ampliar possibilidade de pensamento e de afetos (sugestão) buscando romper fronteiras e transgredir. E isso também aconteceu com o *cursista 3*, enquanto aluno do ensino fundamental II, o que o faz mudar de perspectiva sobre o ato de ensinar:

*(...) o evento que marcou muito foi na antiga 8ª série. Tínhamos que fazer um trabalho em grupo de Ciências e apresentá-lo para toda a sala. Lembro-me que o tema eram os répteis e minha parte eram sobre os ofídios. Mas o grupo não era unido, a galera não gostava de ouvir críticas, sempre brigávamos e tentava de todo jeito ajudar meus colegas, mas eram muito orgulhosos. Percebi que no último encontro os componentes não estavam seguros dos assuntos escolhidos e fui dando toques de como apresentar tranquilamente, fiquei assustado com isso, pois seria a primeira vez que apresentava algo expositivo, mas como gostava de ler e era muito curioso, estava por dentro de todos os assuntos dos colegas e fui citando algumas estratégias para eles se saírem bem, mas não aceitaram minhas sugestões dizendo que era metido. No dia da apresentação todos estávamos nervosos, mas quando chegou minha hora de falar, estava com uma folha na mão que era minha fala, guardei no bolso e falei, fui falando, até demais da conta. Na hora da fala de meus colegas tive que ajudá-los, pois estavam nervosos e acabei explicando todo o trabalho. E foi essa experiência que clareou tudo, ou seja, qual profissão queria ter. Quando cheguei em casa, contei a minha mãe e minha irmã, falava com tanta alegria da apresentação e disse que seria professor, algo que foi recebido com muita alegria (Cursista 3).*

Pensando no que nos foi relatado pelo *cursista 3*, para Guacira Lopes Louro (2008), embora não se possa atribuir à escola o poder e a responsabilidade de explicar identidades sociais ou de determiná-las de forma definitiva, é necessário reconhecer que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm “efeito de verdade”, constituem parte significativa das histórias pessoais. O *cursista 3* nos mostra isso, quando diz que mesmo tendo tido um evento ruim na escola, nela também ele se viu docente, a partir de outra situação mais alegre e criativa, como relatado acima.

*Atualmente sou professor de Geografia (...). Hoje sou professor efetivo com dois cargos na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, leciono em duas escolas em municípios diferentes e tenho muito orgulho dessa profissão que escolhi, às vezes reclamo muito do tratamento que o governo nos dá, mas sigamos né. Procuro sempre inovar em sala de aula, escutar meus alunos, estar próximo deles, falar a língua deles e prometi para mim mesmo que nenhum aluno meu passaria pelo que passei (Cursista 3).*

Vale ressaltar que educar para a diversidade não é fácil. Mas também não é impossível. A escola, tendo como um dos objetivos a transmissão de conteúdos didático-pedagógicos, também precisa estar atenta e sensível para a gama de diferentes pessoas que a abarca e assim entender a diversidade que a rodeia. (PASSOS, 2021).

Portanto, o foco do nosso curso foi o de possibilitar reflexões para pensarmos uma formação permanente de professoras e professores, no intuito de problematizar uma determinada visão do fazer profissional, tornando possível que o/a docente possa ir além das visões conteudistas e cartesianas do pensar a educação. Não podemos mais ignorar os sujeitos estudantes em todas as suas dimensões de sexo, gênero, idade, raça/etnia, geografia e corpo. A “educação como prática de liberdade” (hooks, 2017) precisa ser empática, harmoniosa, diversa, sensível e inclusiva.

### **Considerações finais**

A implementação das políticas de educação em sexualidade ainda depende do reconhecimento das questões de gênero e diversidade sexual como fenômenos existentes nas salas de aula, mesmo que se decida voluntariamente ignorar o fato de que crianças e adolescentes têm curiosidades, amadurecem, pensam igualdade e diferença enquanto estão na escola. Embora não seja “curricularizada” na escola, a sexualidade está lá, como também está o gênero influenciando a construção das personalidades e a diversidade que

tanto pode causar estranheza, como encanto a depender de como é pedagogicamente aproveitada e ensinada.

A proposta de consolidação de um curso para capacitação de educadores para abordagem de diferentes temáticas presentes no universo das diversidades, gêneros e sexualidades nos levou a pensar noções abrangentes sobre o tema, que nos possibilitasse expandir a compreensão da educação em sexualidade para além da prevenção e reprodução, mas igualmente voltada a discutir construção social das identidades, equidade de gênero e de diferenças. Da mesma forma, entendemos com bell hooks (2017) que o processo de educar sobre diferenças visa considerar as próprias experiências que compõem cada um dos agentes envolvidos nessa comunidade de aprendizado em que todos/as/es contribuem com algum tipo de conhecimento, ainda que seja aquele forjado na própria experiência.

Assim, tomamos como referência o modelo de educação integral em sexualidade da UNESCO e, a partir dele, realizamos encontros virtuais entre cursistas e equipe para tratar dos diferentes temas. Ao final, os/as educadores/as foram convidados/as/es a compartilhar, por meio dos memoriais, recortes das suas próprias trajetórias marcados pelos diferentes contornos que gênero, diversidade e sexualidade assumem durante o nosso crescimento e na prática educativa. Com isso, assumimos que o compromisso de educar em sexualidade é complexo à medida que as pessoas também o são. A sala de aula está cheia de oportunidades de aprendizado para quem também ensina. Falar sobre sexualidade, gênero e diversidade na escola é um exemplo disso, pois não há “receitas prontas”, tudo ainda precisa ser (re)inventado. Educar em sexualidade é um ato de coragem de quem já se percebeu nas fronteiras e, como nos diz bell hooks (2017), ganha forças para transgredi-las.

### Referências

CRENSHAW, Kimberlé. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. Curso Educação, Relações Raciais e Direitos Humanos. **Ação Educativa**. São Paulo, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heici Regina Candiani. Portugal: São Paulo: Boitempo, 2016.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG - Coordenadoria de Bolsas de Extensão e Registro. Edital PROEX n.4/2021. **Seleção de tutores bolsistas para implementação de cursos**

**ofertados em parceria com a Rede Mineira de Pesquisa em Educação, Saúde e Tecnologias.** Processo SEI no 2350.01.0008191/2021-17.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipola. 2 ed. Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientação sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Brasília: Universidade Federal de Goiás – UFG, 2012.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Ciência & Educação (Bauru)*, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 811-816, out./dez. 2017.

MOREIRA, Adilson José. **O que é discriminação?** Belo Horizonte: Letramento: Casa do Direito: Justificando, 2017.

LOURO, Guacira Lopes **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós estruturalista. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Cap. 3: a construção escolar das diferenças. p.57-141.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. RJ; Bazar Tempo, 2020 p.52-83.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto acadêmico.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

PASSOS, Daniela. Questões de Gênero e diversidade sexual: repensar a formação de educadoras(es). In. SOUSA, C.C: SILVA, M. A; PENA, M. J; PIMENTEL, A; GONÇALVES, P; FERNANDES, j; PRADO, D. (Orgs), **Rompendo Silêncios:** Escrivências sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQIA+. Orgs. F. Jundiaí/São Paulo, Editora Paco, 2021, p.171-187.

PASSOS, Daniela Oliveira Ramos dos; MARINI, Alexandre; PATROCINIO, I. - Fúria e poder sobre rodas-: questões de gênero e educação na série – Irmão do Jorel. **Educação: teoria e prática**, v. 31, p. 1-13, 2021.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José. **Diferenças, igualdades.** São Paulo: Berlendis & Vertecchia ed., 2009. p. 116-149.

RODRIGUES NETO, Antônio. Educação em sexualidade na Europa e as sexualidades interseccionais do Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 1, e74630, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n174630>. Acesso em: 19 set. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, vol. 20, n.2 jul/dez, 1995 p. 71-99.

UNESCO. **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade:** uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Razões em favor da educação em sexualidade. Paris, 2010. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183281\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183281_por). Acesso em: 19 set. 2022.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro:** tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762>. Acesso em: 19 set. 2022.

UNESCO. **Comprehensive Sexuality Education: a global review.** Paris, *Section for Health and Global Citizenship Education*, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000235707>. Acesso em: 19 set. 2022.

UNESCO. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade:** uma abordagem baseada em evidências. Paris, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em: 19 set. 2022.

UNESCO. **The journey towards comprehensive sexuality education: global status report. Highlights.** Paris: UNESCO, 2021. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379607>. Acesso em: 19 set. 2022.

VIANNA, Cláudia. **Políticas de educação, gênero e diversidade sexual:** breve história de lutas, danos e resistências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

Recebido em abril de 2024.  
Aprovado em junho de 2024.

#### ANEXO: cartazes dos filmes trabalhados no curso.



